# **ENTRE BÚFALOS E HOMENS:** os conflitos socioambientais decorrentes da ocupação do búfalo nos campos naturais da baixada maranhense

**Aliadne Raissa Maramaldo Souza**[1]

**RESUMO**

O trabalho visa analisar os conflitos socioambientais causados pela o avanço da criação de Búfalos na região da Baixada Maranhense. Esse trabalho foi feito a partir de levantamento de dados junto a órgãos e entidades, como IBGE, CPT, além de levantamento teórico metodológico. Os conflitos são causados principalmente pela apropriação e cercamento de campos naturais de uso comum, feito por criadores de búfalos, prejudicando as comunidades que vivem do extrativismo, pesca e agricultura nos campos ou imediações. As comunidades locais, a partir de sua organização resistem de várias maneiras, conseguindo dessa maneira demarcar o uso dos espaços da baixada territorialmente.

**Palavras-chave:** Conflitos socioambientais. Bubalinocultura. Conflitos. Comunidades tradicionais. .Baixada Maranhense.

**ABSTRACT**

The study aims to analyze the socio-environmental conflicts caused by the advance of the creation of Buffalos in the lowland region. This work was made from data survey of bodies and agencies, as IBGE, CPT, and methodological theoretical survey. The conflicts are mainly caused by the appropriation and enclosure of natural areas for common use, made by creators of buffalo, harming communities living the extraction, fishing and agriculture fields or vicinity. Local communities, from your organization stand in many ways, achieving this way demarcate the use of the spaces of lowered territorially.

**Keywords:** Socio-environmental conflicts. Buffalo. Conflicts. Traditional communities. Lowered Maranhense.

[1] Estudante. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: aliadneraissa@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O estado do Maranhão é um dos campeões em números de conflitos por terra segundo os dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), esses conflitos envolvem questões sociais e ambientais de acesso a terra e a recursos naturais.

Segundo Rodrigues (2009) “no Maranhão o número de conflitos por terra no período de 1997 a 2008 cresceu significativamente passando de 17 ocorrências em 1997 para 71 conflitos registrados no ano de 2008”. Ainda mencionando Rodrigues (2009), ele segue falando sobre o aumento do número de conflitos no Estado “de 2.336 famílias em 1997, em 2008 o número foi praticamente o dobro, com o registro de 4.167 famílias”.

Isso enfatiza os problemas que serão abordados no decorrer do trabalho, nos dando uma dimensão do tamanho e gravidade dos embates travados entre os criadores de gado bubalino e os camponeses.

Na baixada maranhense, a criação de búfalos tem ocasionado sérios conflitos envolvendo as comunidades de pescadores, quebradeiras de coco, dentre outras comunidades tradicionais na região.

Segundo a Comissão Pastoral da Terra, o número de comunidades na baixada maranhense que enfrentam problemas com o aumento do número de criadores de búfalos tem crescido. Algumas comunidades se destacam nesse sentido, dentre as quais podemos destacar: Malhada e Santa Cruz, no município de Peri-Mirim, Entre Ilhas, no município de Bacurituba, além de comunidades nos municípios de Viana e Matinha.

Esse trabalho tem o intuito de analisar os conflitos socioambientais envolvendo o acesso aos campos inundáveis da baixada maranhense, no norte do estado, a partir da ocupação desses campos por criadores de Búfalos. Buscamos como foco empírico para refletir nesse trabalho a comunidade de Entre Ilhas, no município de Bacurituba, a leste da região aqui tratada, fazendo parte do chamado Golfão Maranhense.

Nesse município, nos últimos anos, houve um aumento de criadores de búfalos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o número de cabeças de gado bubalino em 2013 na cidade de Bacurituba foi o equivalente a 1.020, o que se torna relativamente um número elevado, já que a população de Bacurituba, segundo dados coletados pelo IBGE no senso de 2009, contabiliza 5.687 habitantes, sendo uma proporção de aproximadamente 1 búfalo a cada 5 habitantes.

Esse tipo de criação entra em contraste com o modo de vida das comunidades tradicionais, já que a criação bubalina exercida por donos de fazendas e criadores avança sobre os campos, onde as comunidades reproduzem seu modo de viver. A criação desse

tipo de animal na região é feita geralmente com o cercamento nos campos naturais. O cercamento de campos, como o próprio nome já sugere, se trata dos criadores de búfalos construírem cercas com o intuito de controlar a área que o búfalo será criado, tendo como consequência, a privatização de um espaço de uso comum dos moradores da comunidade, arrendando as terras, expulsando os camponeses e utilizando-as como pastagens para suas criações.

Essa atividade foi inserida pelo Estado com a intenção de aumentar a produção e elevar a economia local. Além do mais, essa atividade não levou em consideração as características ambientais da região e nem quais os interesses dos grupos sociais que já estavam inseridos no território anteriormente.

Durante o governo de José Sarney, em 1966, na tentativa de alavancar a economia local o Governador do Estado, adota medidas para o Maranhão que visavam a sua industrialização e modernização. A baixada maranhense, a norte do estado, passa a ser vislumbrada a partir das grandes criações de gado, sobretudo o gado bubalino, devido a seus campos inundáveis e que esse tipo de animal estaria acostumado.

A cidade de Bacurituba, fundada em 19 de julho de 1995, está localizada na Baixada Maranhense, próxima às cidades de São Bento e Cajapió, e devido à sua localização, também conta com uma extensa área de campos inundáveis e isso contribuiu para a inserção e fixação da criação do búfalo na economia da região.

Os búfalos são animais domésticos e originários do continente asiático, sua criação visa principalmente à produção de leite e carne para o consumo humano. São animais considerados dóceis, fáceis de domesticar e que facilmente se adaptam a ambientes úmidos, o que propiciou a sua adaptação dos mesmos no estado do Maranhão a partir da década de 1960, sobretudo na região de baixada maranhense.

Embora não pareça, o búfalo é um animal muito mais dócil e domesticável que o boi, além de ser mais resistente a doenças. A fertilidade da búfala é superior à da vaca, a búfala gera 30% mais bezerros dentro de um mesmo período, além de a taxa de mortalidade de bezerros bubalinos serem menor que a do gado bovino, sem falar que o leite da búfala é mais concentrado e produz quase o dobro de queijo que seria produzido com o leite da vaca.

Além da grande produção de carne e leite, o búfalo, por ser um animal de grande porte, é bastante utilizado como força motriz, puxando carros de boi e funcionando como trator natural, o seu couro também é de grande utilização, por ser mais espesso e resistente que o do gado bovino. Ele é utilizado em estofamento de aviões, dentre outras utilidades.

Porém, a iniciativa de um projeto que foi criado com a intenção de salvar a economia maranhense, acabou gerando uma série de problemas, e, por conseguinte, impulsionou violentos conflitos.

Os conflitos socioambientais estão relacionados à degradação do meio ambiente, as ameaças à sustentabilidade de áreas físicas naturais, fins de recursos naturais e acesso aos bens coletivos, além do extermínio de espécies da biodiversidade como animais e plantas locais. Além disso, sua relação com o modo de vida de populações tradicionais, colocando em tensão sua maneira de se relacionar com o espaço.

Os conflitos socioambientais para Acselrad (2004 *apud* Brito 2011):

> ocorrem quando são envolvidos grupos sociais com modos diferenciados de apropriação, uso e significado do território. São originados quando pelo menos um dos grupos sofre ameaças quanto à continuidade das formas sociais de apropriação do seu meio. Estas ameaças podem acontecer por impactos indesejáveis ocorridos com o solo, água, ar ou sistemas vivos, decorrentes do exercício e das práticas de outros grupos. Ou seja, o conflito socioambiental é visualizado quando os agentes sociais estabelecem uma associação lógica imediata entre a degradação do ambiente e a ação dos agentes sociais determinados sob dadas condições históricas.

Brito (2011) afirma também que os autores brasileiros, em sua maioria, defendem que os conflitos socioambientais envolvem relações sociais de disputa ou tensões entre distintos grupos ou atores socais pela apropriação ou gestão do patrimônio natural.

Os conflitos decorrentes da criação de búfalos na região da baixada maranhense envolvem diferentes personagens, desde os próprios criadores de búfalos, como também as comunidades tradicionais, como por exemplo, moradores, ribeirinhos, coletores da carnaúba, pescadores, pequenos agricultores, quebradeiras de coco etc. São grupos camponeses de maneira geral que se relacionam com o espaço geográfico da baixada a partir de elementos culturais, religiosos, as vezes místicos, econômicos e de subsistência.

A criação de búfalos na baixada maranhense ocasiona importantes transformações para essas comunidades tradicionais, sobretudo a partir das mudanças na paisagem local. Assim, há uma reestruturação das relações existentes nos grupos sociais envolvidos nos conflitos, sejam com a sua adaptação a uma nova paisagem, seja com a resistência feita por essas comunidades.

Os conflitos surgem em decorrência de diferentes visões da apropriação do território, já que:

> Os conflitos socioambientais se constituem a partir das diversas lógicas para a gestão dos bens coletivos de uso comum [...] e surgem em função de superposição de usos e de percepções diferentes, inclusive antagônicas, de um determinado espaço geográfico ou recurso natural. (BRITO, 2011 p.53).

Portanto, de um lado identificamos as comunidades tradicionais que geralmente são constituídas pelos pescadores, coletoras e quebradeiras de coco, pequenas agricultores

e ribeirinhos, estes necessitam do campo para cultivar, para a coleta, pesca e demais atividades tidas como de sobrevivência individual, e reprodução coletiva do grupo. Do outro lado, nos deparamos com os criadores de búfalos, sua apropriação e privatização de terrenos públicos e sua vertente capitalista.

Diegues afirma assim, ao tratar das culturas tradicionais:

> As culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência de recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. (DIEGUES, 2001)

A diferença entre o uso da terra pelos criadores de búfalos e os camponeses, é que estes usam a terra para produzir o consumo enquanto os primeiros a utilizam para explorar com o intuito de gerar lucro. O uso comum dos campos, ou mesmo a não privatização individual das terras demonstra esse argumento.

Os camponeses, segundo Firth:

> [...] são aqueles que ainda dependam fundamentalmente do cultivo da terra, podem ser pescadores, artesãos, extrativistas, segundo as estações do ano e a necessidade de obtenção de dinheiro para suas compras na cidade. (FIRTH, 1950, apud DIEGUES, 2001p. 48)

Em nosso trabalho, os camponeses são representados pelos membros da comunidade de Entre Ilhas, que são aqueles que pertencem a grupos sociais cujo fim não é a exploração do território para a obtenção de lucro. Geralmente, os membros dessas comunidades mantém uma vida simples, em que a agricultura é baseada na policultura e suas práticas são voltadas para a produção agrícola como meio de subsistência, podendo inserir essa produção no mercado local em pequena escala.

## 2. O DESENROLAR DOS CONFLITOS NA BAIXADA MARANHENSE

Sant'Ana Junior e Steinhorst Damasceno afirmam que:

> os anos 1980, no Estado do Maranhão, foram marcados pelos conflitos por terra, resultando em altos índices de assassinatos e perseguições no campo, expulsões de camponeses de suas terras, impedimento de acesso a recursos naturais tradicionalmente utilizados. Podem ser destacados os conflitos entre fazendeiros e posseiros; índios ou quilombolas; fazendeiros e quebradeiras de coco; produtores de búfalos e agricultores e pescadores da Baixada Maranhense.

São esses últimos citados que nos interessa estudar, os produtores, ou criadores de búfalos, agricultores e pescadores, além de líderes de comunidade, coletores

da carnaúba, ribeirinhos e moradores da região e que estão direta ou indiretamente envolvidos nos conflitos territoriais na baixada maranhense.

Para definir as culturas tradicionais, acima de tudo o indivíduo deve reconhecer-se como parte de um grupo maior, seja ele pescador, quilombola ou criador de búfalo. Mas não devemos criar a ideia de que os conflitos surgem apenas entre fatores externos.

> [...] Os conflitos socioambientais ocorrem tanto no plano material como no plano simbólico, sendo que os dois planos estão fortemente entrelaçados. Os conflitos socioambientais, segundo Little, acontecem pelo controle dos recursos naturais, derivados dos impactos ambientais e sociais, decorrentes de determinados usos. Podem ocorrer, ainda, quando ligados aos usos e apropriações dos conhecimentos ambientais. O autor ressalta, também, que *em alguns casos, os conflitos podem ocorrer entre grupos que compartilham o mesmo sistema produtivo. Entretanto, as tensões socioambientais mais acirradas tendem acontecer onde há choque entre distintos sistemas produtivos*. (BRITO, 2011 p.56, grifo nosso).

Embora em menor gravidade que os conflitos externos, os internos existem, mesmo que em menor proporção, também por isso a importância de o indivíduo se identificar como parte de um grupo maior gera uma situação de identificação com os objetivos comuns desse grupo.

Em qualquer conflito que seja estudado, podemos observar que há diferentes pontos de vista e perspectivas, e a visão que há sobre o espaço é importante destacar, já que demonstra o conflito existente entre diferentes grupos da forma de produção do espaço. A forma de apropriação do território pelos grandes empreendimentos tiveram como pressuposto, a ideia de um espaço vazio, assim, a mesma ideia foi reproduzida com a inserção da criação de gado bubalino na região da baixada, sem perceber os inúmeros grupos que usam e produzem o espaço na região.

Diegues (2010) dá uma importante contribuição no que diz respeito ao uso do espaço quando afirma que o território das sociedades tradicionais, diferente das sociedades industriais, é descontínuo, marcado por lugares ‘vazios’ o que leva a crer que não é usado por ninguém ou que não tem ocupação.

O crescimento da criação de búfalos e a exploração da terra pelas atividades capitalistas têm sido associados com a modernidade nessa região, e a resistência camponesa, com o atraso. Porém, devemos atentar que o camponês não é sinônimo de um ser alienado, ele acaba integrando-se ao modo de produção capitalista, mas à seu modo, é o que José de Souza Martins (2000) chama de “camponês modernizado” que é aquele que ao mesmo tempo em que mantém sua pequena plantação de milho ou sua criação de galinhas, é capaz de sair para negociar, empreender. Martins (2000) afirma que ele é economicamente moderno e socialmente conservador, a esse processo ele dá o nome de “reinvenção social”.

Mas vale lembrar que mesmo com esse empreendedorismo do camponês, nas comunidades tradicionais, é muito pequena a acumulação de capital e isso dificulta a emergência de classes sociais. Apesar disso, segundo Peet (1986) nenhuma cultura tradicional existe em seu estado puro.

Uma das intervenções feitas pelos criadores de búfalos, na região de Bacurituba é o cercamento dos campos naturais para o desenvolvimento da prática da pecuária bubalina, assim como ocorreu no século XVIII durante a Revolução Industrial. Os campos de uso comum passam a obedecer a uma nova lógica, com a privatização das terras por parte dos criadores. Os pecuaristas de gado bubalino privatizam os locais de uso coletivo para que o búfalo possa circular livremente, mas sem ser perdido.

Entretanto, isso causa uma série de problemas, já que as iniciativas desses criadores acabam alterando não só os biomas, mas também os modos de vida das populações locais. A impossibilidade de permanecerem com suas produções ou com o extrativismo gera um quadro de pobreza rural e o consequente êxodo rural, já que os camponeses se veem obrigados a sair do seu local de origem para procurar melhores condições de vida e acabam enfrentando a miséria nas zonas urbanas. Na verdade, a migração não é só o padrão rural-urbano como há algumas décadas atrás, a saída desses camponeses tem se dado também para atividades tanto na construção civil de grandes centros como também de médias cidades, e também para exercerem trabalhos agrícolas nas regiões de expansão do agronegócio.

Esse contexto gera uma situação conflitiva, em que os camponeses se colocam contra esse modo de uso do espaço. Almeida explica assim:

> Os povos, em maior ou menor intensidade (o que somente pode ser verificado em cada caso empírico) reagem, enfrentam e propõem alternativas ao modelo de desenvolvimento que os impactava ou, ainda impacta. Essas reações, em boa parte dos casos, se iniciam como um conflito social, em torno da posse de territórios" (ALMEIDA, 1996, p. 30-35)

O arrendamento das terras, o cercamento e a apropriação do território até então pertencente aos camponeses, é realizada pelos criadores porque estes consideram as comunidades tradicionais atrasadas ou insignificantes, representando o retrocesso perante a sociedade capitalista, enquanto as comunidades tradicionais lutam para manter seus costumes e para que não percam sua cultura e identidade social no campo.

A resistência do campesinato tem se dado, sobretudo a partir da sua organização em associações que tem como objetivo unir e fortificar as comunidades diante da ameaça imposta pelos criadores.

A conflituosidade entre os diferentes grupos não é só pelo uso do espaço, e nem por uma concepção de vida diferenciada, ela existe dentro do seio capitalista, na forma de exploração e subordinação de grupos sociais à lógica do modo de produção. Eder Sader assim explica:

> Um conflito pode ser 'esmagado' ou pode ser resolvido; a conflitualidade, no entanto, não. Nenhuma força ou poder pode esmagá-la, chaciná-la, massacrá-la. Ela permanece lá, fixada na estrutura da sociedade, em diferentes espaços, aguardando o tempo de volta, das condições políticas de manifestação dos direitos – *direito a ter direitos*. (Eder Sader, 1988 apud FERNANDES, 2013, p.203).

Os embates travados entre as comunidades não são permanentes, há os momentos de brigas violentas, mas também há os momentos de tréguas, é certo que nem sempre elas são possíveis, mas elas existem. São estabelecidos pactos ou acordos entre os envolvidos no conflito, mas isso não significa acabar a conflituosidade, já que esta nunca acaba, pois ela é produzida e alimentada em consequência do desenvolvimento desigual do capitalismo.

Os conflitos territoriais giram em torno do poder exercido sobre os territórios, sobretudo a propriedade da terra, que assume uma conotação diferenciada pelos grupos envolvidos. O Brasil tem uma herança histórica baseada na relação entre poder e terras, e que se reproduz na atualidade com as várias oligarquias locais que usam do seu poder econômico para impor um poder político, e este também tenta aumentar o poder econômico privado a partir da apropriação individual do Estado.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na luta pela defesa de seus territórios, as comunidades tradicionais acabam estreitando laços e afastam possíveis divergências, seja dentro de um pequeno grupo ou com grupos distintos. Tudo isso pela necessidade de se fortalecerem para lutar pelos seus direitos e seus territórios.

As comunidades tradicionais mantém em seus usos uma relação de simbiose com o ambiente e o uso de recursos naturais.

O conflito se torna um importante elemento para que possamos identificar e analisar os agentes envolvidos no uso e apropriação do território. Os camponeses que tem que enfrentar problemas como o cercamento e privatização dos campos, proibição de acesso às áreas de uso comum, coleta do coco, da carnaúba, além das questões ambientais, como a poluição dos rios e lagos. Já os criadores de búfalos enfrentam problemas como a resistência das comunidades, que muitas vezes, devido ao não

solucionamento dos seus problemas, apelam para a violência física, como é o caso do conflito no estado do Maranhão conhecido como a "matança dos búfalos" (MUNIZ, 2009)

Portanto, concluímos que embora os búfalos tenham sido inseridos no estado com o discurso de desenvolvimento da região da baixada maranhense, a prática da criação bubalina impulsionou, não a elevação da economia, mas sim, a elevação no número de conflitos violentos, a partir dos problemas gerados às comunidades tradicionais.

**Referências bibliográficas**

BRITO, Daguinete Maria Chaves et al. Conflitos socioambientais no século XXI. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, dez. 2011. n. 4, p. 51-58. (artigo)

CRUZ, Nelson Ney Dantas. Modos de vida e territorialidades nos assentamentos de reforma agrária. **R.RA'E GA**,Curitiba, 2008 n.16, Editora UFPR, p 93-100 (artigo)

CRUZ, Valter do Carmo. **Territórios, identidade e lutas na Amazônia. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Pará, 21 à 25 maio. 2007. p. 1-18. (artigo)

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC/Núcleo dde apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras-USP, 2000.
_____. (org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo, fev. 200. p. 1-211.

HOBSBAWM, ERIC J. **A Era das Revoluções**. p. 1-221. (Documento em impresso).

NEVES, Delma Pessanha; SILVA, Maria Aparecida de Moraes (orgs). **Processo de constituição e reprodução do campesinato no Brasil, volume 1 :** formas tuteladas de condição camponesa. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008. (Historia social do campesinato brasileiro).

RODRIGUES, Sávio José Dias; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. Conflitos territoriais no espaço agrário maranhense. **Anais do SINGA**, Niterói-RJ: SINGA, 2009.

SANT'ANA, Horácio Antunes de Sant'Ana Junior; DAMASCENO, Elena Steinhorst. **Políticas públicas, sociedade e ambiente.** Disponível em https://cjpazsaoluis.files.wordpress.com/2011/03/polc3adticas-pc3bablicas-sociedade-e-ambiente.pdf; Acesso em: 29/03/2015

STEDILE, João Pedro (org.); Douglas Estevam (assistente de pesquisas). **A questão agrária no Brasil:** o debate na década de 2000 – 1ª. ed – São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 173-234.